

MC 8 - Dos navios negreiros às prisões: vozes que (r)existem e (re)inventam as lutas abolicionistas

Miriam Duarte Pereira (AMPARAR)
Maria Railda Alves (AMPARAR)
Bruna Santos da Silva (AMPARAR)
Carlos Alberto Moreira de Souza (AMPARAR)
Fabio Pereira Campos Misael (AMPARAR)

E-mail de contato: ass.amparar@gmail.com

Resumo: Em todo o continente americano é possível ouvir as vozes de ontem, que clamaram pelo fim da escravidão, encontrarem-se com as vozes de hoje que entoam seus cantos contra a opressão do sistema de justiça estatal. Esse encontro não se dá ao acaso.

Assim como a escravidão foi um mecanismo de sustentação para modelo colonial, no mundo colonizado o sistema de justiça é sem dúvida um dispositivo que mantém a colonialidade dos territórios e o controle dos povos não brancos e dos pobres.

O encontro de vozes que (r)existem através de séculos com vozes que (re)inventam estratégias de enfrentamento para sobreviver às atualizações dos mecanismos de dominação colonial produzem o movimento social pelo abolicionismo penal.

Seja nas vozes abolicionistas do *Critical Resistance* que nos EUA relacionam a luta abolicionista contemporânea aos processos de abolição da escravidão e a extinção do modelo *Jim Crow*, seja na filosofia de Achille Mbembe que atualiza a concepção de biopoder, africanizando-a, americanizando-a e descolonizando-a ao impor-lhe o ponto de vista do colonizado até fazer saber que para nós o processo é de necropolítica.

Seja nas elaborações decoloniais latino americanas dos intelectuais Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Arturo Escobar, Ramón Grosfoguel, María Lugones, ou seja nas estratégias e ações dos grupos abolicionistas Rimuf, *Colectivo Yo No Fui*, *Mujeres Libres* Colombia, ACiFaD.

Seja nas atuais elaborações teóricas da professora Yanilda Gonzales ou na sempre atual intelectualidade ativista de Lélia Gonzales que tornou indisfarçáveis as relações entre a violência policial e o racismo colonial, seja na importância histórica da formação e ações do MNU, seja na beleza violenta das abordagens de Jota Mombaça ou nas formulações e ações do ativismo aguerrido, irremediavelmente abolicionista da AMPARAR.

Onde quer que seja, neste cenário de lutas, poderemos encontrar facilmente o encontro entre as vozes de ontem e os cantos de libertação de hoje. Os cânticos de lamentos e resistência que ecoaram dos navios negreiros, se fizeram ouvir pelas plantations, pelas senzalas, pelos quilombos, viraram blues, samba, rumba, cúmbia, rap e funk. Dessa mesma forma as elaborações, interpretações, estratégias e ações abolicionistas atravessaram séculos e são comunicadas hoje pelo léxico do abolicionismo penal nas américas.

Para a produção de um conhecimento atualizado e um ativismo propositivo e realizador, a AMPARAR propõe-se neste mini curso a organizar e conduzir um processo de dialógico em reflexão coletiva a ser conduzida a partir da análise das convergências e contradições dos encontros entre a prática dos movimentos abolicionistas analisando criticamente diálogos entre algumas elaborações teóricas e ações práticas de grupos abolicionistas amefricanos, utilizando

como referência teórica os autores que foram citados nesse texto e as atividades das organizações abolicionistas também citadas aqui.

O ciclo de reflexão crítica será organizado e conduzido por membros da Amparar na condição de facilitadores.

Duração

[número] aulas de 1h30

Mini-CV dos proponentes:

Miriam Duarte Pereira

Pedagoga, co-fundadora da Amparar, presidente do cedeca Sapopemba, apoiadora da Frente Estadual pelo Desencarceramento de São Paulo e da Agenda Nacional Desencarceramento.

Maria Rilda Alves

Fundadora da Amparar, apoiadora da Frente Estadual Pelo Desencarceramento de São Paulo e da Agenda Nacional Desencarceramento.

Bruna Santos da Silva

Assistente social, Orientadora Sócio Educativo, voluntária e apoiadora da Amparar

Carlos Alberto Moreira de Souza

Sociólogo, apoiador da Frente Estadual Pelo Desencarceramento de São Paulo, apoiador da Amparar e Abolicionista Penal

Fabio Pereira Campos Misael

Bacharel em Serviço Social, apoiador da Frente Estadual Pelo Desencarceramento de São Paulo e da Agenda Nacional Pelo Desencarceramento, articulador político da Amparar e Abolicionista Penal

Referências Bibliográficas

DAVIS, Angela. Estarão as prisões obsoletas? Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DUSSEL, E. D. Filosofia na América Latina: filosofia da libertação. São Paulo: Loyola, 1977.

ESCOBAR, Arturo. La invención del Tercer Mundo: Construcción y deconstrucción del desarrollo. Caracas: Fundación Editorial El Perro y La Rana, 2007.

GROSFOGUEL, Ramón. “La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global”. Tabula Rasa, n.4, 2006.

LUGONES, María. “Rumo a um feminismo decolonial”. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Bazar do Tempo, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIGNOLO, Walter. La idea de América Latina (la derecha, la izquierda y la opción decolonial). Crítica y Emancipación. 2009.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos (1983). Lugar de negro. Rio de Janeiro, Marco Zero (Coleção 2 Pontos, vol. 3).

QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. A Quijano. Clacso, 2000.